

POLÍTICA ECONÔMICA

Baixo índice de inflação em março, forte queda da cotação do dólar e do risco-país sinalizam — na avaliação de analistas financeiros — para uma redução na taxa básica ainda este mês. Mercado futuro já aponta nessa direção

Juros menores à vista

Fernanda Nardelli
Da equipe do **Correio**
Com Agência Estado

A atual onda de otimismo presente na economia brasileira abre espaço para uma queda de juros em breve. A diminuição do risco-país e a queda na cotação do dólar, mesmo com a guerra no Iraque, já sinalizavam a possibilidade de redução nas taxas. Aliadas aos baixos índices de inflação em março, divulgados ontem (*ver matéria ao lado*), oferecem todas as condições para que o Banco Central diminua a taxa básica de juros (Selic), que está em 26,5% ao ano.

"O Comitê de Política Monetária já pode baixar os juros na próxima reunião", aposta a economista da Fundação Getúlio Vargas, Virene Matesco. Segundo ela, o movimento favorável na economia vem desde o início do governo Luiz Inácio Lula da Silva, que mostra, na sua avaliação, seriedade na condução da política econômica. "Estamos entrando em uma cadeia positiva, com um ótimo saldo comercial, queda do risco-país, boa vontade do governo em discutir as reformas no Congresso", afirma. No entanto,

Virene alerta que os índices de inflação ainda estão altos. O que deve ser comemorado, segundo ela, é a tendência de queda, e não o número propriamente dito.

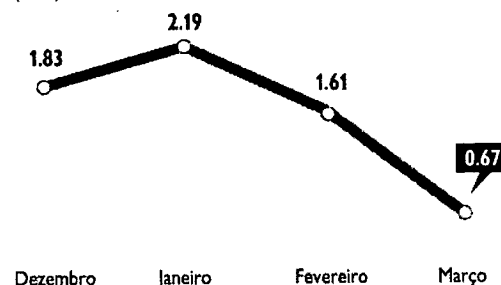
O coordenador da Comissão de Política Econômica do Conselho Regional de Economia do DF, Newton Marques, avalia que uma simples sinalização do Banco Central em relação à taxa de juros seria suficiente para o setor produtivo. "O BC é conservador, nunca sai na frente. Se mantiver a taxa, mas adotar viés de baixa, já será bom", diz. Segundo ele, a economia vive de boas notícias. O economista afirma que os juros no mercado futuro estão sinalizando queda — projetados para janeiro de 2004 em 25,57% — o que pode favorecer a decisão do BC de baixar a taxa Selic.

Para Marques, a queda da inflação registrada em março é explicada pela falta de demanda. A economia está tão desacelerada que não há espaço para alta de preços. Uma retomada na economia (*leia sobre investimentos da General Motors na página 15*) é um processo mais lento. O primeiro passo é, de fato, a redução das taxas de juros.

BONS NÚMEROS

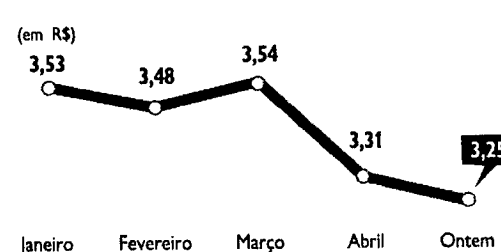
Inflação em queda

Índice de Preços ao Consumidor da Fipe (em %)



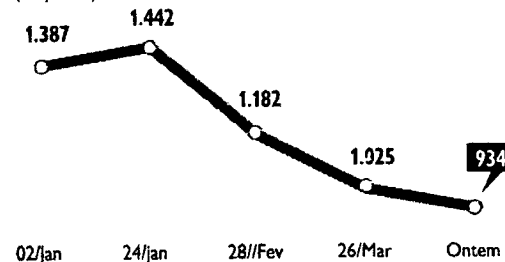
Dólar mais barato

Cotação para venda no câmbio comercial no início de cada mês



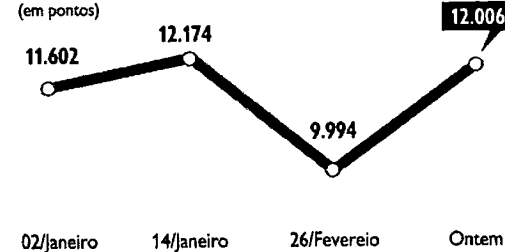
Risco menor

Risco-país do Brasil este ano, segundo o banco J.P. Morgan (em pontos)



Bolsa em alta

Índice da Bolsa de Valores de São Paulo este ano



O economista Ricardo Denadai, da consultoria LCA, prevê o início da queda dos juros ainda este semestre, mas não necessariamente na próxima reunião. Se-

gundo ele, o índice divulgado pela Fipe já é um reflexo do efeito da política monetária adotada pelo governo. "Se as coisas continuarem como estão, existe a possibi-

lidade de corte de juros a partir de maio ou junho, mas de forma parcimoniosa", diz. Segundo Denadai, depois que o BC começar a inverter a política monetária, com a baixa na taxa de juros básica, a economia precisará de um tempo para voltar a crescer.

Para o ex-presidente do BC Gustavo Loyola, no entanto, ainda é cedo para se falar na redução dos juros, pois a inflação ainda está muito alta. "Não há

por que se falar em alívio nas taxas, pelo menos nos próximos dois a três meses", afirma. Segundo ele, o BC precisa ver mais consistência na trajetória de queda do custo de vida, para evitar reajustes "a reboque".

INDICADORES

Segundo a tendência de queda dos últimos dias, o dólar comercial chegou à menor cotação desde 17 de setembro do ano passado. A moeda recuou 0,21% e terminou o dia a R\$ 3,255 na venda. No final do dia, o risco-país recuava 3,61% e operou com 934 pontos básicos. No sexto dia consecutivo de otimismo no mercado, o índice Bovespa ultrapassou a barreira dos 12 mil pontos, aos 12.006. A Bolsa paulista não ficava acima desse patamar desde 14 de janeiro. A alta de hoje foi de 1,13% e o movimento financeiro ficou em R\$ 902,162 milhões.

DÓLAR DERRETIDO

"Exagerado" como é, o mercado levará o dólar abaixo dos R\$ 3,00 se o Banco Central (BC) não intervir no câmbio, assim como o levou "absurdamente" para as proximidades dos R\$ 4,00 no ano passado. Isso prejudicaria os saldos da balança comercial, o ajuste externo e não traria um efeito positivo de maior relevância para os preços. A opinião é do consultor e especialista em câmbio Emílio Garófalo Filho, ex-diretor da Área Externa do Banco Central. "Quero crer que o BC desta vez não vai deixar o dólar derreter. Espero que o Banco não deixe a moeda cair demasiadamente. Um intervalo entre R\$ 3,00 e R\$ 3,20 não seria prejudicial", avalia o ex-diretor do Banco Central. (Agência Estado)

DIEESE

O custo de vida do município de São Paulo, medido pelo Departamento Inter-sindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) também caiu. O ICV de março ficou em 1,06%, índice 0,29 ponto percentual abaixo do registrado em fevereiro. Os grupos que mais puxaram a inflação medida pelo ICV em março foram o de Saúde, com alta 3,93%; o de alimentação, com 0,75%, e o de transportes, com 0,8%. No grupo saúde, o sub-grupo de assistência médica subiu 2,74% e contribuiu com 0,27 ponto percentual para a alta de 1,06% do índice total. (Da Redação com Agência Estado e Folha)